

Isso não é um Seriado americano



*O que você faria se sua
série favorita se
tornasse real?*



Italo Oliveira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Um conto do autor de "Quando a Neve Cai"

ITALO OLIVEIRA

Isso não é um seriado americano

Edição Digital
2016

Copyright © 2016 por Italo Oliveira.
Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou reprodução de qualquer parte desta obra sem o consentimento por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou acontecimentos é mera coincidência.

Revisão de Texto: Lari Patrício e Italo Oliveira Diagramação Digital: L. L. Alves Capa: Italo Oliveira

Este conto segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

*Para eu mesmo.
Sim, você leu certo.*

“Somos os protagonistas das nossas histórias.”

Playlist

- This is Me – *Demi Lovato*; -
Made in the U.S.A. – *Demi
Lovato*; - Heart Attack – *Demi
Lovato*; - UP. – *Olly Murs*; -
Somebody To You. – *The
Vamps*; - What the hell. – *Avril
Lavigne*; - The Climb. – *Miley
Cyrus*; - Party in the U.S.A. –
Miley Cyrus; - Same old love. –
Selena Gomez; - Try. – *P!nk*; -
Hey Girl. – *B.I.G*; - Run. – 무림학
교 OST.

Piloto

Rótulos... Crescemos ouvindo o que devemos dizer e como devemos fazer todas as coisas da nossa vida. Os rótulos estão presentes em todas as nossas fases. Desde pequenos já somos automaticamente escolhidos para qual grupo de pessoas faremos parte, sejam eles góticos, artistas, nerds, religiosos, populares, ou simplesmente os excluídos. As pessoas estão tão preocupadas em como se vestir e mostrar para o mundo que elas existem, e acabam se esquecendo de coisas mais importantes. Voltando para os rótulos, bem... Eu nunca me encaixei em nenhum deles. Sempre cresci ouvindo minha família dizendo que eu devia me enturmar mais com as crianças do bairro, que eu deveria mudar algumas coisas e aí eu seria aceita nos grupinhos da escola, mas aí vem à pergunta que não quer calar: por que eu preciso mudar? É tão complicado o "ser diferente" poder ser tratado como um "normal"? Afinal, o que é ser normal?

Eu estou num nível escolar chamado "P.I.N.E", a pessoa invisível na escola, é uma pessoa que está abaixo dos excluídos e que simplesmente está lá para cumprir o papel de lotar o colégio, é tipo ser um coadjuvante em uma série de TV. Bem, essa sou eu, Ally Thomas.

Mas ser uma P.I.N.E tem suas vantagens, nós nunca somos escolhidos para ler textos na frente da sala toda, e a direção nunca liga para os nossos pais quando matamos aula – mesmo que isso nunca tenha acontecido comigo. Nós apenas existimos. Mas mesmo sendo uma invisível, eu tenho amigos, que por incrível que pareça não são como eu. Madison Carter é uma das garotas mais populares do colégio, e nós somos amigas desde pequenas. A Madison é como as séries de TV representam as garotas populares: ela é alta, pele levemente bronzeada, seus cabelos são loiros, seus olhos são claros, seu corpo é bem definido, ela é perfeita, se não fosse tão burra. É a típica Barbie dos colégios, tirando a maldade. Ainda não sei como a Mad quis ser minha amiga. Certo, nossa amizade começou por interesse de ambas as partes, a Mad queria passar em geometria e

eu queria ser popular. Eu imaginava que andar com uma garota popular no primeiro ano me faria ser pelo menos visível e subir para o nível “excluída”, mas eu não tive sucesso. A Mad por outro lado conseguiu passar com louvor, o que só fez com que sua popularidade aumentasse e fosse conhecida como “bonita e inteligente”, o que era assustadoramente difícil de acontecer por aqui. Depois de conhecer bem a Mad, eu percebi que ela não era como as outras meninas que me tratavam mal, ela era diferente. Depois de um tempo começamos a andar juntas sem interesse, simplesmente por andar, e isso fez com que eu conhecesse o que é amizade, e eu estou feliz com isso.

Mas do que estávamos falando mesmo? Ah, sim... Rótulos. Os rótulos são como doenças crônicas, eles nunca saem. Você pode até tentar, mas é para sempre. Ou será que não é?

A história que eu vou contar agora pode parecer loucura ou simplesmente coisa da minha imaginação, mas se você leu até aqui, é melhor sentar e escutar tudo o que eu tenho para dizer.

Ouvi as batidas na cadeira e rapidamente abri os olhos. Minha visão estava turva e não estava ouvindo muito bem. A boca de Mad se mexia, mas eu não entendia o que ela estava falando. Fiz um sinal para ela parar por um momento até que tudo começou a fazer sentido e se alinhar na minha cabeça.

– Ally! – gritou Mad. – Está me ouvindo?

– Ah... Agora estou. – Coloquei minha cabeça de volta no braço da cadeira.

– Você perdeu a explicação do Sr. Vincent, ele falou sobre a...

– Teoria da relatividade? Obrigada, mas eu passo. – Penteei meus cabelos curtos com os dedos e cocei os olhos. – Eu estudei em casa, então eu posso muito bem dormir aqui.

– Por que você está com tanto sono? – perguntou ela enquanto se sentava na cadeira vazia ao lado da minha.

– As suas irmãs siamesas não vão brigar com você por se sentar no *fundão* comigo? – perguntei ao ver as amigas populares

da Mad me fuzilando com os olhos.

– Deixa de mudar de assunto e me diz... O que você fez ontem para dormir na aula?

– Teve episódio novo de *Uncontrollable love* – falei entusiasmada. – Só que eu resolvi fazer maratona dos últimos episódios antes de começar a passar o episódio.

Mad revirou os olhos.

– Eu não acredito que você ficou acordada até tarde por causa dessa série. – Ela cruzou os braços.

– Ei! Não é série, é *a série*, tá? – falei um pouco alterada.

Uncontrollable love era minha série de TV favorita de todos os tempos. Eu não perdia nenhum episódio e não me imaginava sem ela. Dizem que toda pessoa tem algum talento escondido, bem, eu não nasci com talentos, mas eu nasci com o dom de ver séries. Eu já perdi a conta de quantas séries eu já assisti na minha vida. Não fazia sentido para mim sair e ir para festas, eu prefiro mil vezes ficar em casa e fazer maratona das séries que eu mais gosto. Eu assisto de tudo, desde séries extremamente românticas até as policiais que envolvem seres sobrenaturais.

Embora eu seja uma pessoa contra rótulos, eu adoro um bom clichê. As séries me fazem suspirar e embora aquela cena seja clichê e já tenha passado em todas as outras que já assisti, elas ainda me fazem suspirar. Algumas pessoas não entendem o quão emocionante pode ser assistir. Eu viajo o mundo todo assistindo e isso faz com que tudo tenha sentido para mim.

– Desculpa, não queria ofender – disse, Mad.

– De qualquer jeito, valeu a pena dormir tarde, eu não gostei muito do final do episódio, mas espero que na semana que vem dê tudo certo com o Benson e a Lucy – disse, juntando as mãos e sorrindo sem parar.

– Você não faz nada da sua vida além de ver séries? – perguntou ela. – Sempre que chego na sua casa eu te vejo colada na TV ou no computador.

– Eu leio também. Aliás, preciso terminar de ler um livro que eu esqueci na sua casa – disse. – Você pode trazer para mim amanhã?

Mad assentiu.

– E de quem é o próximo horário? – perguntei, mas não consegui ouvir mais nada, pois meus olhos estavam vidrados em alguém que havia acabado de entrar na sala de aula. – O que ele está fazendo aqui? – perguntei, boquiaberta.

– Quem? O Drake Evans? – perguntou Mad. – Ele vai fazer essa aula com a gente... Por quê? Você ainda tem uma quedinha por ele? – perguntou ela com um sorriso malicioso no rosto.

– Eu não... É só que... – Não encontrei palavras.

Drake Evans é meu vizinho desde que eu me entendo por gente, ele é líder do time de futebol americano e é o tipo de cara que todas as meninas ficam em cima. Ele é uma das pessoas mais populares da escola e mesmo sendo meu vizinho, ele nunca acerta meu nome... E também não me nota. Não sei se ele é inteligente ou apenas cola para poder ficar no time de futebol. As poucas aulas que tive com ele, percebi que ele prefere ficar jogando aviõezinhos de papel e ficar olhando os peitos das garotas seminuas que sentam na frente.

– Admita que você ainda gosta dele. – Ela me deu uma cotovelada.

– Não é isso, é só que ele se parece muito com o Bruce de *Uncontrollable love*. Ele me faz lembrar dele.

Embora isso não fosse mentira, eu estava mentindo ao dizer que não sinto nada por ele.

– Pode parar de falar dessa série só um pouquinho? Você passa o dia falando disso! Eu não assisto e já tenho raiva só de te ouvir falar o dia todo – gritou Mad, que rapidamente se levantou ao ver Kate, uma das populares a chamando para se sentar na frente. – Ally, eu vou para lá, mas qualquer coisa me chama, tá?

– Vai lá – disse, enquanto abria minha agenda.

Meu olhar se levantou ao ouvir a voz masculina diferente da voz da Sra. Rodriguez, a professora de filosofia. Não que a voz dela fosse tão aguda, mas a dele era diferente. Rapidamente, levantei o olhar e percebi que realmente não se tratava da Sra. Rodriguez.

Um homem alto, de pele escura, cabelos quase nulos se aproximou da mesa do professor e colocou uma pasta na mesa. Ele

estalou os dedos e começou a falar: – Bom dia, garotos. – Era de fato a voz que eu havia ouvido. – Eu sou o professor Lewis Miller, vou substituir a professora Rodriguez por alguns dias indefinidos. Então, espero que possamos trabalhar bem juntos. – Ele limpou a garganta enquanto folheava o livro de filosofia. – Abram seus livros na página setenta e sete.

Nem me dei ao trabalho de abrir o livro, imaginei o quão chato seria aquela aula, eu só queria estar em casa vendo o desfecho da história do Benson e da Lucy, mas eu precisaria esperar até a semana que vem para ver o último episódio da temporada e isso estava me deixando completamente doida.

Repousei minha cabeça na cadeira, não teria nada para fazer até a hora do intervalo, então, resolvi cochilar.

– Ei, você! – ouvi o professor falar, mas continuei com os olhos fechados, provavelmente estava falando com algum aluno da frente que estava causando bagunça. – Você, menina de blusa vermelha que está dormindo no fundo da sala.

Eu congelei. Meus olhos se abriram rapidamente e logo endireitei minha postura.

Ele estava olhando fixamente para mim.

Ele estava falando comigo. OLHANDO PARA MIM!

O QUÊ?

– Acha que está num hotel onde pode dormir? – perguntou ele.

Eu não sabia o que fazer, não sabia o que dizer. Minha boca se mexia, mas não saía nenhum som dela.

– Espero que fique acordada de agora em diante – aconselhou ele. – Eu não quero ser um professor chato com vocês, mas espero que cooperem comigo.

Eu estava perplexa, não sabia se estava assim pelo fato de ele ter brigado comigo ou por ter me notado. Isso nunca havia acontecido.

– Então, senhorita, podemos continuar com a aula? – perguntou ele a mim.

Fiquei alguns minutos paralisada, mas logo balancei a cabeça em concordância.

– Ótimo. Obrigado! – Ele voltou à visão para o livro. – Hoje, nós falaremos sobre o sonho.

Havia algo de diferente nesse professor. Os outros apenas entravam na sala, copiavam um texto enorme no quadro negro e se sentavam, outros colocavam vídeos do *Discovery* ou do *Animal Planet* para assistirmos e depois adormecia, mas ele era diferente.

– Levando para o lado teórico, a definição de sonho é simples: sonho é o ato de sonhar, mas o que seria o sonho de fato?

Hillary levantou a mão.

– É quando a gente dorme a vai para um outro mundo onde tudo é cheio de algodão doce e músicas da *Katy Perry*? – Todos riram.

Hillary era outra das populares, que trazia uma grande carga de beleza, mas seu cérebro estava adormecido há anos.

– Eu não estou falando desse tipo de sonho. – O professor sorriu. – Estou falando daquele sonho que você tem acordado, aquele que faz seu coração bater rapidamente, que faz você se imaginar no futuro, que te faz suspirar. Entendem o que eu quero dizer? O sonho é algo que nos faz ter fé e acreditar no amanhã. Todos aqui têm sonhos, certo? Alguns sonham em passar em uma boa faculdade, outros sonham em apenas se livrar do colegial, mas a pergunta que eu queria fazer para vocês é: o que seria das pessoas se elas não sonhassem?

O que seria das pessoas se elas não sonhassem? Essa pergunta ficou me martelando o resto da aula toda. Foi então que eu percebi que eu não tinha sonhos. Nunca sonhei com riquezas ou em ser uma líder de torcida, nunca pensei em me formar e viajar pelo mundo ou muito menos ser reconhecida por algo, então, o que eu era?

– Segundo a mitologia, as pessoas acreditavam que os meteoros que caíam na terra eram seres mágicos que vinham e nos concediam desejos, são as famosas “estrelas cadentes”. Outros acreditam que soprar um dente de leão fará com que seu desejo seja realizado. Os mais crentes dizem que até um cílio do olho que cai na sua mão pode fazer com que seu sonho se torne realidade – prosseguiu ele. – Então, eu quero que vocês façam uma redação

falando sobre o maior sonho de vocês e me entreguem na semana que vem, tudo bem?

Todos assentiram.

O sinal tocou.

O professor Lewis continuava em sua mesa, então, resolvi me aproximar.

– C-com licença – falei, gaguejando.

– Ora, mas se não é a moça que estava dormindo na minha aula. – Ele olhou para mim com um olhar irônico. – Em que posso ajudá-la?

– Eu queria pedir desculpas por estar dormindo, não era a minha intenção...

– Não me peça desculpas – ele me cortou. – Eu já coloquei falta em você, então estamos quites.

Sorri.

– Tudo bem. – Aproximei-me da saída.

– Ei, dorminhoca – ele me chamou. – Como é seu nome?

– A... Ally Thomas – disse.

– Então, Ally Thomas, eu espero que faça uma boa redação e me traga semana que vem. E se precisar de algo, eu estou aqui na escola o dia todo.

– Sim... Obrigada – falei.

O lápis escapava dos meus dedos enquanto eu pensava sobre qual era o meu sonho. Eu passei o resto da tarde encarando aquele papel branco que não me ajudava em nada. Resolvi, então, largar um pouco os estudos e ir assistir algo.

Liguei meu notebook e procurei alguma série para assistir, depois de procurar algumas achei *Imprisoned*, uma série policial que contava a história de um homem que tinha sido capturado por uma facção que o havia confundido com um dos maiores traficantes da Venezuela, sua noiva era uma policial e procurava por ele desesperadamente, e embora ele estivesse próximo a ela, ela não conseguia encontra-lo. Os episódios recheados de luta, sangue e

cenar impróprias me fizeram ficar acordada e só consegui dormir depois que eu assistisse a primeira temporada inteira, claro que os atores ajudaram. Roberto de La Veja e Christina Rosa eram atores latinos que eu conhecia e gostava muito, então foi fácil me prender na história. Olhei para o relógio e percebi que não passava das oito horas quando terminei de assistir.

Retirei os fones de ouvido assustada enquanto ouvia minha mãe gritando e me chamando para jantar.

– O que você estava fazendo trancada no quarto, mocinha? – perguntou ela quando viu minha sombra na escada.

– Eu estava...

– Deixa eu adivinhar... Assistindo, não é mesmo? – perguntou ela irritada.

Minha mãe era o tipo de pessoa que prezava a companhia da família e não gostava quando escolhíamos ficar separados. Ela queria que todos fôssemos unidos e que esquecêssemos um pouco os aparelhos tecnológicos.

– Mãe! – revirei os olhos. – Por que você se importa tanto?

– Porque isso faz mal, Ally! Você passa o dia na escola e quando está em casa passa o dia assistindo ou lendo, não faz mais nada, filha! – ela deixou os talheres caírem na crise de ira. – Eu nunca vejo você com amigos, a não ser aquela sua amiga burra que sempre vem comer aqui.

– Não fale assim da Mad, mãe.

– Albert, me ajude com a sua filha.

Meu pai era o tipo de pessoa *relax*, ele não se importava com nada, só com a bolsa de valores e com a sua empresa.

– Hã? Ah, tudo bem. – Ele abaixou o jornal. – Ally, faça o que a sua mãe está mandado. – disse ele.

– O que tem de mais eu assistir, mãe?

– Querida, o problema é que você está perdendo o mundo a sua volta. Você fica enfiada no quarto e acaba esquecendo que tudo o que se passa nas suas séries são mentiras e que nada é real.

– O que você sabe sobre elas? – perguntei. – É muito fácil falar quando se é uma das mulheres mais populares da cidade, não

é? Você passa o dia com aquelas velhas falando de porcaria nenhuma e acha que está tudo bem com a sua filha, não é?

– Ally...

– Chega! Perdi a fome. – Levantei-me da mesa as presas e me tranquei no quarto.

Deitei-me na cama, por um momento tive medo que ela se quebrasse pelo pulo que dei nela. Eu simplesmente não conseguia entender o porquê das pessoas se importarem tanto com a vida dos outros. Ninguém conseguia entender o que se passava em minha cabeça, todos imaginavam que era fácil ser a garota invisível que simplesmente estava ali por estar. Eu estava cansada das pessoas se meterem na minha vida e não perguntarem como eu me sinto ou o que eu quero fazer.

Levantei-me ao ouvir o telefone tocando. Aproximei-me do aparelho e percebi que a Mad estava me ligando.

– Oi? – atendi.

– Ally? Como você está? – perguntou ela.

– Bem... Na medida do possível – falei. – O que aconteceu?

– Nada, eu só queria saber se você quer ir comigo para uma festa.

– Festa? Eu? – Estranhei o convite. – Por que eu iria a uma festa?

– Ah, para desintoxicar um pouco a sua cabeça... Você anda muito estressada ultimamente.

Pensei bem. Eu nunca havia ido a uma festa de jovens, eu só sabia o que se fazia pelas festas que via nos episódios das séries e nos realitys shows que eu assistia com o meu pai. Sempre mostrava a vida de pessoas ricas, bêbadas e drogadas que gastavam o dinheiro se divertindo, o que me deixava extremamente chateada, como um canal de TV joga fora tanto dinheiro só para mostrar as luxúrias alheias? Não conseguia assistir muito, pois logo me lembrava das crianças da África que passam fome. Então, talvez fosse uma boa ideia ir a uma festa.

– Quer saber? Eu vou – respondi, direta.

– É isso aí! – gritou ela do outro lado da linha. – Eu passo para te pegar daqui a pouco.

– Hum – assenti.

Eu não tinha muito tempo, então, precisava me trocar o mais rápido possível antes que a Mad chegasse e fosse conversar com meus pais.

Abri o guarda-roupa e percebi que só tinha casacos, camisas largas e calças confortáveis, eram as melhores roupas para usar quando se passa o dia em casa. Percebi que também tinha algumas barras de chocolate e biscoitos lacrados para os dias dos últimos episódios das séries, que eram os mais emocionantes, então eu precisava de comida para poder comer enquanto chorava. No meio das roupas casuais, achei um vestido preto super simples que eu usei na formatura do meu primo. Ele era de dois anos atrás, mas minhas medidas não tinham mudado e eu não havia crescido, então ele serviu totalmente. Não tinha muito o que fazer com cabelo curto, então, resolvi cachear as pontas e calçar um all-star comum, pois eu não conseguia andar de salto, mesmo que tentasse.

Ao ouvir a voz da Mad e da minha mãe ao mesmo tempo, percebi que precisa correr, pois aquelas duas juntas não davam certo. Desci as escadas rapidamente e vi o olhar de Mad acompanhar os meus passos a cada degrau.

Ela se levantou do sofá.

– Ally, você está linda! – disse ela.

– Valeu – agradei.

Mad usava um vestido vermelho colado. A saia dele subia a cada passo que ela dava, e o decote nos seios os deixava quase a mostra.

– Filha... Eu queria...

– Não precisa dizer nada, mãe. – Sorri para ela de uma forma branda. – Eu te entendo, agora eu já vou.

– Tudo bem – disse ela. – Não se preocupe com o horário, se quiser vir de manhã você pode, entendeu?

– Eu volto as dez, mãe – resmunguei.

– Às dez? Tão cedo assim? – perguntou ela, perplexa.

Ou talvez antes, pensei.

– Tchau, mãe – falei.

– Tchau, mãe da Ally – Mad se despediu.

Respirei fundo depois de fechar a porta da casa. Depois do meu surto de encorajamento de conhecer o mundo, estava começando a ficar nervosa com o fato de conhecer o mundo, ou apenas uma festa. Minha vontade era de voltar para o quarto e não sair de lá nem tão cedo.

– Que papo é esse de voltar as dez, Ally? *Tá* louca? – perguntou Mad.

– Desculpa, mas eu não pretendo ficar lá até tarde.

– Sinceramente, você não sabe aproveitar a sorte, sabia? – disse Mad enquanto entrávamos no seu carro extremamente limpo.

– O que quer dizer com isso? – perguntei.

– A sua mãe é superlegal, ela deixa você sair à hora quer, não se importa com o horário nem com quem você sai... É a mãe dos sonhos, Ally!

– Nem vem! Você nem conhece ela de verdade. – Coloquei o sinto de segurança.

– Queria eu ter uma mãe dessas. – Mad passou a marcha. – Minha mãe acha que tudo é do inferno, ela passa o dia na igreja e simplesmente não me ouve. Eu precisei dizer que eu ia dormir na sua casa para poder ir para a festa. Se ela soubesse que eu já tive *aquilo*, acho que tinha sido expulsa de casa.

Aquilo... Não fazia nem seis meses direito que a Madison havia passado por um dos piores momentos da vida dela, ela descobriu que estava grávida e o cara simplesmente sumiu da vida dela, ela queria ter criança, mas teve um aborto espontâneo e isso fez com que ela ficasse bem mal por um tempo, hoje em dia ela agradece aos céus por não ter tido a criança, a sua vida teria se tornado um inferno se ela tivesse tido a criança, provavelmente sua mãe assumiria o bebê e diria que havia adotado. A Mad seria levada para um internato e seria expulsa da família. Na época, eu estava assistindo uma série chamada *S.O.S Mother*, que contava a história de uma garota que engravidava e não sabia como conviver com isso, ela precisava tomar grandes decisões, mas não sabia o que fazer, não tive como não me lembrar da Mad quando eu assistia.

– Mas e aí, o que achou da repreensão do professor? – perguntou ela rindo.

– Eu não sei... Seria muito estranho se eu dissesse que eu gostei?

– Alô, você é a Ally Thomas, tudo em você é estranho – brincou ela. – Oh, chegamos! – Mad foi estacionar o carro enquanto eu tentava respirar sem ofegar. Meu coração estava batendo rápido, só de ver aquelas pessoas se aproximando da casa todo o meu corpo tremia, e eu não conseguia parar de pensar nos zumbis da série *Zombie Island*.

As luzes presas na frente da casa mostravam que a festa estava começando. O som alto e o barulho faziam minha cabeça doer, eu queria ir embora dali o mais rápido possível, mas eu sabia que não era possível, não naquele momento.

– Vamos, Ally? – Mad me chamou.

Assenti com a cabeça.

As pessoas me olhavam de forma estranha a cada passo que eu dava em direção à festa, bem... Pelo menos estavam me olhando, era melhor do que o normal... Eu acho.

Algumas delas botavam a mão na boca para segurar o riso e outras semicerravam os olhos em nossa direção.

– O que está acontecendo, Mad? – perguntei.

– Eu não sei – Ela olhou em direção e as pessoas continuavam a rir. – Ben! – gritou Mad, chamando um de seus amigos que já estava bêbado e que segurava duas garrafas de alguma bebida desconhecida. – O que está acontecendo? – perguntou ela.

– Fala aí, Madison! – ele a abraçou deixando a garrafa cair no chão, felizmente ela era de plástico. – E... Quem é a palhaça que veio com você? – perguntou ele olhando para mim.

– Quem você está chamando de palhaça, seu idiota? – perguntou Mad.

– Você não está vendo essa garota do seu lado? Olha a roupa dela, olha a cara dela! – Ele começou a rir e foi em direção à mesa onde estavam as outras bebidas. – Olha aí, pessoal! Finalmente o circo chegou! – Todos riram e apontaram para mim, alguns começaram a gravar e eu simplesmente não estava mais segurando as lágrimas.

Eu estava em choque. Mal tinha chegado à festa e já tinha entendido que era melhor eu ter ficado em casa.

– Mad, eu vou embora – disse.

– Não vai não, Ally – disse ela. – Não liga para o idiota do Ben, ele não sabe o que diz.

– Não, ele está certo – falei tentando segurar as lágrimas que queriam cair. – O que eu, uma palhaça, estava pensando quando eu decidi vir em uma festa como essa? É melhor eu ir para casa.

– Ally! – Mad me chamou.

– Eu tenho muita coisa para estudar e assistir, ontem eu atrasei duas séries, é melhor eu correr antes que eu perca. – Coloquei um sorriso falso no rosto.

Eu não tinha nada para estudar, nem tinha nenhuma série atrasada. Eu só queria fugir, só queria me enterrar na minha cama e não sair de lá nunca mais.

– Já chegou, filha? Não são nem dez da noite.

– Me deixa, mãe. – Corri em direção ao quarto rapidamente.

– Ally! O que aconteceu? – ela tentou ir a minha direção, mas eu fechei a porta do quarto e esse era o sinal que eu deveria ficar sozinha.

Pela primeira vez eu havia sido notada, mas precisava ser desse jeito? Eu não sei no que eu estava pensando quando eu quis ir para aquela festa, não era o meu lugar.

Limpei as poucas lágrimas que derramei e fui me trocar. Liguei a TV e estava passando a reprise do episódio dessa semana de *Uncontrollable love*, e pela primeira vez no dia senti uma pitada de alegria e satisfação. Estava na hora de eu entrar no meu mundo.

Era o penúltimo capítulo da segunda temporada e os meus nervos estavam à flor da pele. Eu ouvi falar dessa série em um blog onde a garota falava muito mal dela, e eu decidi assistir para ver se era tão horrível assim como falavam no blog, e eu fiquei apaixonada quando assisti. A história clichê do cara mais popular que se apaixona pela mocinha da biblioteca me fazia suspirar e sorrir sem

parar. As temporadas eram longas e os diálogos eram perfeitos. Não havia nenhum enredo extraordinário, era tudo muito simples e comum, e isso foi o que fez essa história ser maravilhosa. Talvez essa seja a verdade, não precisamos do extraordinário para ser felizes, precisamos apenas do necessário.

O episódio não foi tão emocionante, Lucy fora trancada no armário pela ex-namorada má do Benson, eles iam fazer uma grande apresentação no colégio, e pelo visto ela perderia seu papel de protagonista e o tão esperado beijo dessa temporada. Embora Lucy fosse fofa e uma ótima protagonista, ela chegava a ser odiosa pela sua bondade exagerada, e isso me fazia xingar muito ela a cada episódio que ela perdoava as maldades dos outros. Enquanto Benson se preparava para a apresentação, a Rachel, sua ex-namorada se aproximou dele e roubou um beijo dele a força. E fim. O episódio acabou aí. Claro que mostraram um pedaço do musical deles do próximo episódio, e por um segundo achei que estava assistindo Glee.

Eu não via a hora de a semana que vem chegar para eu poder assistir o último episódio da temporada e assim descansar meu coração, os chocolates e os biscoitos já estavam apostos para eu comer enquanto chorava, mas infelizmente isso não aconteceu.

Na manhã seguinte, abri a minha página do *Twitter* e percebi que estava havendo alguma movimentação em relação à série e a produtora, foi então que eu entendi. A série havia sido cancelada e o último episódio não iria ao ar.

Eu gelei. Não podia acreditar no que eu havia acabado de ler.

COMUNICADO

Vimos através deste informar que, infelizmente, a série Uncontrollable love fora cancelada. Por diversos motivos que não cabem explicar por aqui. Pedimos a compreensão de todos e esperamos que nos perdoem.

Atenciosamente, EMT Entertainment.

Eu precisei reler o comunicado algumas vezes para entender que isso era realmente real, eu não podia acreditar que isso estava acontecendo. Aquele, de fato, era o pior dia da minha vida.

1º Temporada

Ouvi o despertador, mas simplesmente não tinha forças de levantar. Meus olhos ardiam e meu nariz estava um pouco entupido. Eu não estava bem desde que vi a notícia do cancelamento de *Uncontrollable love*. Passei a noite toda chorando e nem me importei com os biscoitos do último episódio, eu comi tudo de uma vez. Não entendia como algo me deixara tão abalada e triste, simplesmente não fazia sentido, talvez seja porque algumas coisas não precisam fazer sentido, precisam apenas ser sentidas. É tão ridículo assim sofrer por uma série? Chorar por personagens? Viver a história? Bem... Eu não me importava se era ridículo ou não, era o que eu sentia.

– Filha? – Meu pai bateu na porta, mas acredito que ele já havia batido várias vezes, eu só havia escutado quando sua voz aumentou consideravelmente. – Está tudo bem aí? Você vai se atrasar para aula.

Foi então que meu corpo se ergueu da cama rapidamente. Já que eu precisava ir para a escola e queria ser notada, nada melhor do que protestar, não é mesmo?

Vesti uma camisa preta com mangas longas, calça da mesma coloração escura. Coloquei algumas pulseiras escuras que já não usava há um bom tempo, peguei o cordão de coração com asas que o Benson havia dado para a Lucy no nono episódio da primeira temporada e coloquei rapidamente no meu pescoço – certo, não era o cordão original porque não tinha dinheiro para comprar o da loja oficial, mas comprei esse numa lojinha próxima a minha casa, quase não gastei nada e tem o mesmo efeito. Eu odiava usar maquiagem, principalmente na escola, mas essa era uma ocasião diferente. Fui em direção ao quarto da minha mãe procurar alguma maquiagem escura e pude comprovar que ela era extremamente patricinha. Senti que um unicórnio havia vomitado arco-íris em mim ao abrir a caixinha de maquiagem da minha mãe, que era totalmente colorida. Mas eu precisava de algo *dark*, foi então, que, em meio ao brilho

exagerado, consegui achar uma sombra preta e um batom cor-de-vinho. Foram esses mesmos que passei.

Senti o cheiro de ovos e bacon enquanto eu descia as escadas e dava de cara com meus pais me encarando de forma assustada. A boca da minha mãe quase descolou, e os olhos do papai quase pularam do rosto, talvez eu tenha exagerado só um pouquinho no visual gótico.

– Querida, os ovos! – disse o papai, vendo que a mamãe quase derrubou tudo na mesa por não conseguir tirar os olhos das minhas roupas.

– Oi, gente! – disse, sentando-me a mesa.

– Filha... Que... Diferente – Minha mãe se sentou entregando-me o meu prato com ovos, bacon e meu sanduíche de tomate.

– O que acharam? – perguntei sem muita animação.

– É... Como sua mãe disse, querida... Diferente – falou meu pai tentando não soar reprovador. – Mas por que essa mudança tão repentina?

– É um protesto contra o fim de *Uncontrollable love* – falei enquanto dava uma mordida no sanduíche.

– Uncon... O quê? – perguntou o meu pai.

– É mais um desses seriados que ela assiste, Stuart – disse mamãe. Logo sua voz parou, pois sua boca ficou cheia de café. – Dessas que ela é fã por uns seis meses depois se esquece, sabe?

– Ah, sim.

Embora eu odiasse admitir, eu não era uma fã tão fiel. Quando eu amo um seriado ou um livro, passo o dia inteiro pesquisando coisas sobre ele, eu necessito saber tudo e ser a fã número um, mas depois que encontro algo novo, apenas esqueço a outra série e o ciclo começa todo mais uma vez. Isso aconteceu quando eu era muito fã de uma série de espiões. *Black Spy* era simplesmente a série do momento de 2008, e eu era alucinada, mesmo tendo apenas nove anos. Tinha tudo do agente Tenner e de toda a equipe do esquadrão lunar, mas tudo mudou quando eu conheci *Complicated*, uma série totalmente diferente do que eu estava acostumada a assistir, mas que me apaixonou de um jeito que não dá nem para explicar.

– Já vou, tenho que terminar uma redação ainda – falei, colocando a minha bolsa nas costas e saindo da cozinha lentamente.

– Ally, mais uma coisa – disse papai. – Esse estilo é temporário, não é?

Sorri ternamente.

– Sim, pai, é só por hoje.

Meu pai era como a minha mãe, ambos não aceitavam muito bem que tinham uma filha antissocial, sendo que eles eram os mais populares de suas respectivas épocas, mas, contudo, ele conseguia observar e não me repreender da mesma forma que a mamãe fazia.

Nem a minha aparência gótica me fez ser notável no ônibus, para falar a verdade, o ônibus se esqueceu de passar na frente da minha casa, e como o Drake tinha seu próprio carro, não carecia dos serviços escolares. Depois de correr alguns metros e quase ser atropelada por uma motocicleta e um cachorro que era maior que eu, o motorista parou e eu entrei no veículo que me levou diretamente para a escola.

– O que é tudo isso? – Mad me olhou de cima a baixo e fez cara de nojo. – Você entrou em alguma seita de Satã?

Embora eu amasse a Madison, eu precisava admitir que ela era preconceituosa. Isso mostrava que embora ela fosse diferente das patricinhas convencionais do colégio, ela não deixava de ser uma, mesmo sendo liberal. A Mad me disse uma vez que as patricinhas têm um caderninho de mandamentos que precisam ser cumpridos, e uma vez consegui ver esse caderno de perto.

Os dez mandamentos das Perfects: Não falar com qualquer um; Saber o lugar onde se sentar no almoço; Nada de calças jeans; Cabelo cacheado só se for moda ou nas pontas; Bronzeamento demais gera advertência; Proibido sair com os garotos nerds, exceto se for para ajudar nos estudos; Não pegarás o ex da

sua amiga, só se ela pegar o seu; Odiar toda e qualquer garota mais bonita que você; Ter sempre batom na bolsa; Equilibre o decote.

É incrível como às vezes o preconceito consegue se sobressair em alguns povos. Era tão ridículo saber que aqueles mandamentos existiam, mas era mais ridículo saber que eles eram praticados diariamente. Parecia até coisa de seriado.

– Não, eu não entrei numa seita – falei. – É a minha forma de protesto pelo fim de *Uncontrollable love*..

– Ainda tá com drama por causa dessa série? – perguntou ela. – Pelo amor de Deus, Ally, cresce! As garotas da sua idade já estão em festas e se divertindo, e você continua sendo uma criança que passa o dia no computador ou numa TV perdendo o tempo.

– Cala a boca, Madison! Pelo menos eu não perco o meu tempo abrindo as pernas para qualquer cara que me deixa chapada! Me deixa quieta aqui.

Mad olhou para mim de um jeito que nunca havia olhado.

– Eu espero que seus personagens possam te ouvir quando você estiver tendo seus ataques de fúria, Allysson – disse ela enquanto ia em direção as amigas que estavam do outro lado da praça de alimentação do colégio.

Eu comprovei que não deveria ter saído da minha cama naquele dia, o dia já estava uma porcaria, e eu havia falado várias coisas feias para a Mad, eu sabia que ela só se importava comigo e queria o meu bem, mas o que eu podia fazer? Odeio quando as pessoas falam mal das coisas que eu gosto, simplesmente saio do sério.

Fui em direção a minha cadeira onde estava todo o meu material e simplesmente desabei. Abri uma em uma folha qualquer do caderno que eu havia personalizado com algumas das fotos que tinha do Benson e comecei a escrever. Eu não tinha um diário de fato, mas às vezes qualquer lugar serve como um diário. Depositei naquelas folhas toda a minha raiva pela droga que a minha vida tinha se tornado. Por que eu não conseguia ser normal? Não conseguia ter amigos? Por que era tão difícil ser eu?

– Por que tudo não pode ser como em *Uncontrollable love*? Eu só queria que tudo fosse como é lá – disse, em meio às lágrimas.
– Por que cancelaram a única coisa que me alegra? – Meus olhos foram se fechando lentamente, minha visão ficou turva e tudo simplesmente sumiu.

Senti o vento do ventilador do teto acariciando meu rosto. Ouvi um barulho oco que não saía da minha cabeça e que soava familiar. Minha respiração começou a ficar alta e logo meus olhos se abriram, trazendo luz para o mar de escuridão em que eu estava enquanto terríveis pesadelos inundavam meu subconsciente.

A sala estava vazia. Olhei para a parede onde o grande quadro negro estava, e lá estava o relógio acima dele. Percebi, então, que os ponteiros não estavam andando. Levantei-me da cadeira e fui em direção ao barulho que aumentava conforme eu andava. Os sons misturados formavam uma confusão em minha cabeça, mas logo começaram a fazer sentido. Aos poucos comecei a ouvir os sons de guitarras, teclados, baterias, bombos e outros instrumentos que formavam uma melodia pop em minha cabeça, ela era conhecida, era a música tema de *Uncontrollable love*. Ao chegar meus perto do som tive certeza que era a música da série. Ao olhar pela janela, percebi que todos os alunos estavam na frente do colégio... Dançando.

Por que estão dançando? Pensei.

Aproximei-me da saída de emergência que estava mais próxima e fui em direção à frente do colégio, onde todos dançavam de acordo com a música tocada, mas ainda não tinha visto de onde ela era emanada, pois nenhum instrumento era visível.

Sem perceber, um dos garotos que dançava me puxou para junto deles. A música animada e até um pouco retrô misturava pop e rock e fazia qualquer um dançar. Como eu poderia esquecer aquela melodia? Era impossível, e eu sabia toda a coreografia, pois, embora eu não dançasse nada, não significava que eu não poderia aprender nas minhas horas vagas.

Não sabia como, mas meus pés que eram extremamente desengonçados e fora do ritmo estavam dançando corretamente. Meu corpo tomava conta da minha mente e me encaminhava em direção da música que dançava por si só. Não conseguia controlar meus movimentos, apenas estava lá enquanto minha cabeça ia para um lado e meus braços iam para o outro. Logo, a música chegava ao seu clímax, era a minha parte favorita, era quando a Lucy e o Benson se aproximavam e ela caía nos braços dele, essa era a primeira cena do episódio piloto.

A batida rápida e contagiante me fez esquecer um pouco da loucura que esse sonho estava me causando e comecei a aproveitar, pois não é sempre que sonhamos com algo assim. Em meio à coreografia, tropecei em meus próprios pés e fui em direção ao chão, embora o gramado não machucasse muito, não estava confortável em cair e ser o centro das atenções justamente naquele momento. Fechei meus olhos para não sentir a batida. Então... Não aconteceu nada.

Abri meus olhos lentamente e percebi que não havia caído, meu copo foi girado para frente e me dei de cara com os olhos claros e a pele bronzeada de Drake Evans. Ele havia me segurado.

– Está tudo bem? – perguntou ele.

– Ah... Sim – disse, corando.

A música acabou e num passe de mágica as pessoas sumiram. Estávamos apenas ele e eu ali.

Drake sorria de um jeito estranho para mim, seus olhos esverdeados e seus cabelos escuros ficavam em evidência e chamavam muita atenção. Seu sorriso extremamente branco fez com que eu me perdesse naquela imensidão alva.

– Qual o seu nome? – perguntou ele.

Não estava desapontada, ele nunca se lembrava mesmo, mas achava que pelo menos ele lembrava do meu rosto por sermos vizinhos.

– Ally – disse.

– Eu sou o...

– Drake Evans – interrompi. – Eu sei quem você é – disse com um sorriso assustado.

– Eu nunca tinha te visto aqui no colégio. Você é uma aluna nova?

Fiquei imaginando qual droga ele havia fumado. Certo que eu era invisível, mas nunca esperei que ele se esquecesse de que eu estudava aqui desde o primário.

– Sério que você não me conhece? – perguntei, assustada.

– Nunca vi uma menina tão linda assim antes. – Seus olhos brilhavam de uma forma assustadora.

Dei dois passos para trás com os olhos arregalados.

– Drake, você está bem? Sua cabeça tá doendo?

– Eu nunca estive tão bem na minha vida – respondeu ele.

Nunca tive um sonho tão louco na minha vida. Certo, eu admito que já havia sonhado com o dia que ele se declararia para mim e tudo mais, mas passava longe de tudo isso. Eu precisava acordar o quanto antes.

– Eu preciso ir agora, mas a gente pode se ver mais tarde? – perguntou ele com um grande sorriso.

– Talvez... Provavelmente... Sim! – Quem eu estava tentando enganar? Embora esse sonho fosse diferente, eu estava gostando.

– Tá! Nos vemos mais tarde. – Ele correu em direção ao campo junto dos amigos que o esperavam mais a frente.

Sentei-me no gramado que dava para a escadaria do colégio, e ainda tentava entender o que estava acontecendo. Por que eu não conseguia acordar?

Dei alguns tapas no rosto para ver se recuperava a consciência, mas nada de acordar. Mas eu sabia que já havia visto tudo isso em algum lugar.

– Já tentou se beliscar? – ouvi uma voz feminina que emanou atrás de mim.

Virei-me rapidamente.

Uma mulher olhava para mim fixamente com um sorriso.

– Q-quem é você? – perguntei, assustada.

– Finalmente te encontrei! – ela se levantou do degrau e foi para a minha frente. – Me chamo Angeles, e sou a sua fada madrinha.

– É o quê?

Angeles tinha cabelos coloridos, algumas mechas eram violetas, outras azuis e algumas amareladas. Seus olhos eram cor-de-rosa e suas roupas eram assustadoramente normais. Sua pele era branca, mas podia ver em algumas partes que era meio esverdeada. Suas asas eram quase invisíveis, mas ainda conseguia ver um brilho rosado reluzindo delas.

– Sou sua fada madrinha! – disse ela elevando sua voz a um agudo estranho. – Qual parte você não entendeu?

– Eu entendi, mas não entendi nada – falei, afastando-me dela. – O que é que *tá* acontecendo? Por que *tá* todo mundo estranho? v aproximei-me do seu ouvido e cochichei. v Eles colocaram alguma droga na carne misteriosa do almoço? – perguntei, mas logo me assustei ao perceber que suas orelhas eram pontudas como as dos duendes dos filmes e livros. – S-sua orelha...

– Não é lindinha? – perguntou ela sorrindo. – Eu sou meio fada e meio elfa, aí consegui ter essas orelhas que estão super na moda. – disse Angeles. – Mas, enfim, eu estou aqui porque preciso te ajudar.

– Eu só quero saber quando vou me acordar desse sonho.

– Você não está sonhando, queridinha – respondeu. – Essa é a realidade.

– Realidade? Isso aqui? – comecei a gargalhar. – Perdão, mas não posso acreditar no que você falou.

Ela bufou.

– Eu estou aqui, como sua fada madrinha, para lhe conceder os seus desejos – falou.

– Tudo bem... – semicerrei os olhos. – Onde estão as câmeras?

– Hã?

– As câmeras! Onde estão as câmeras? – vasculhei pelos lados e olhei para o teto a procura das câmeras do programa *Prank School*, um programa onde faziam pegadinhas com jovens nos colégios. – Onde está o Michael?

– Quem? – Angeles olhou para mim confusa.

– O apresentador do programa. – Coloquei as mãos ao redor da boca e falei em alto e bom som. – Michael, pode sair, eu já

descobri o seu joguinho! – gritei.

– Garota, qual parte de “isso é a pura realidade” que você não entendeu?

– Por favor... – fui em direção às escadas, logo o sinal ia tocar e eu precisava terminar a redação do professor Lewis.

– Você não desejou mudar de vida? – falou ela, fazendo-me parar de andar e dar atenção ao que ela falava. – Você não desejou viver dentro da sua série favorita? Disse que tudo seria mais fácil... Não foi?

Virei-me em direção a ela.

– Isso não é uma pegadinha? – perguntei, mais uma vez.

– Não! Eu sou sua fada madrinha de verdade, e vim te ajudar a realizar seu sonho.

Meu sonho... Então, eu tinha um sonho.

– Isso é verdade, então?

– Sim! Não é emocionante? – Ela bateu palmas e deu pequenos pulinhos.

– Depende do que você entende por “emocionante” – falei.

– Vamos lá, aproveita! Essa é sua grande chance e viver como você sempre quis!

– Então, você está dizendo que eu estou dentro da minha série favorita?

– Bem... Vamos dizer que é um *remake*, tudo bem? – Percebi que seus olhos além de cor-de-rosa tinham glitter. Só faltava aparecer um unicórnio. – Esse é o seu mundo de acordo com *Uncontrollable love*, sua série favorita. Tudo o que se passa aqui, já se passou no seriado, mas os atores não são os mesmos.

– O que você quer dizer?

– Tudo o que acontecer aqui pode prejudicar o seriado de alguma forma, mas tudo vai correr de acordo com os episódios da série. Não achou a dança na entrada do colégio muito parecida com o episódio piloto da primeira temporada? – perguntou.

– Pior que achei... – respondi.

– Quem segura a Lucy quando ela cai?

– O Benson... – Arregalei meus olhos e abri um sorriso espontâneo. – Então quer dizer que o Drake é o Benson?

– E você é a Lucy! – gritou ela de empolgação. – Não é emocionante?

– Então, eu sou a Lucy desse mundo? Eu não sou uma invisível?

– Não, queridinha, você é a protagonista! Não é maravilhoso?

Não importava se isso era um sonho ou não, mas eu aproveitaria da melhor forma possível.

– Sim! Um pouco estranho, mas maravilhoso! – Eu não podia acreditar que isso estava acontecendo, não conseguia acreditar que a antiga Ally havia morrido, era melhor do que sonhar.

– Bem, os acontecimentos aqui irão caminhar conforme os episódios, que você já sabe como são, não é mesmo? – prosseguiu.

– E, mesmo que você não goste de algo, não pode mudar nada e seu corpo será forçado a fazer tudo como a Lucy do seriado faria, entendeu?

Assenti.

– Sei que isso pode parecer um pouco assustador, então, se você quiser desistir, só é entrar naquela sala e quando fechar a porta estará de volta ao seu antigo mundo. Você escolhe.

Olhei bem para a porta que aparecera como mágica deixando a parede menor. Fiz uma viagem do tempo e toda a minha vida passou como um filme em minha cabeça. A minha vida inteira eu fui apenas uma figurante em meio a multidão, seria bom saber como é ser uma protagonista apenas uma vez na vida.

– E então, decidiu? – perguntou Angeles.

– Eu vou ficar! – falei sem gaguejar.

Seu rosto se encheu de brilho e ela sorriu enquanto pulava de alegria.

– Isso é maravilhoso! – Angeles segurou em meu braço e me encaminhou até o outro lado do colégio. – É bom você saber que tudo aqui é igual a série.

– Entendi.

– E você é um pouquinho diferente da Lucy... Não é? – Ela me olhou de cima a baixo.

Lembrei-me que estava igual a uma gótica e logo expliquei que não me vestia assim. Angeles me levou até um provador dentro

de sua van. Ao abrir a porta do provador, percebi que estávamos em outro mundo. A van cor-de-rosa de Angeles estava estacionada na frente do colégio e, por fora era extremamente pequena, mas ao entrar no provador, percebi que era maior que minha casa. As roupas estavam organizadas conforme suas cores e tamanhos, – me senti dentro de um arco-íris – elas estavam por todo lado, de todas as formas e gostos. Os sapatos tinham uma parede única e exclusiva. Os tamanhos e formas diferentes de cada salto ou de um simples all-star me deixaram boquiaberta. O brilho exagerado e o cheiro agonizante de morango e framboesa me deram vontade de vomitar, mas estava tão apaixonada pelas roupas e tudo dentro daquele veículo.

– Todas as fadas têm van assim?

– Só as que têm afilhados cafonas. – Ela me passou uma camisa.

– Ei! Eu ouvi!

– Falei para você ouvir mesmo. Hum... Vamos ver... – Ela esticou seus dedos e um brilho lilás emanou de suas mãos. – Acho que sapatinhos de cristal não estão na moda nessa estação. É tão anos 2000. – Meu corpo foi levado ao chão e magicamente, minha roupa mudou. – Assim está muito melhor! – disse ela com um sorriso.

Olhei-me no espelho e percebi que não estava tão horrenda. Usava um vestido amarelo florido que batia nos joelhos, um casaco azul com as mangas nos cotovelos, meu cabelo estava preso e um par de sapatilhas delicadas seguravam meus pés.

– Nada mal – falei.

Instintivamente, coloquei a mão no meu pescoço.

– Onde está o meu colar de coração?

Eu não poderia perder aquele colar, era uma das únicas coisas que eu tinha da série. Eu era o tipo de fã pobre, aquela que se dizia fã, sabia tudo da série e dos personagens, mas não tinha dinheiro para comprar quase nada.

– Está com o Drake! – falou, animada. – Esqueceu que é o Benson que entrega o colar para a Lucy?

Lembrei-me da cena que o Benson entregava o colar para a Lucy. Ele havia planejado um jantar no gramado da sua casa e havia colocado várias lâmpadas coloridas nas árvores. Benson havia colocado o colar dentro do refrigerante de Lucy, que quase se engasgou, mas encontrou o colar.

– Pelo visto tomarei refrigerante de laranja em breve – falei.

– É o que esperamos que aconteça. – Rapidamente, Angeles segurou em meus ombros e me virou para o seu lado. – Ally, não se esqueça! Se algo sair fora do normal da série, você ficará presa aqui para sempre e nunca mais poderá voltar para a sua vida de verdade.

– Entendi – falei.

– Nem tudo o que acontece na série acontecerá aqui também, mas as cenas mais importantes, sim – falou ela. – Por ora, volte para casa, mas amanhã tudo ocorrerá normalmente, não se assuste, entendeu?

Assenti.

– Boa sorte! – O brilho lilás de Angeles inundou a minha visão, fazendo com que tudo ficasse escuro.

Meus olhos se abriram e eu já estava no meu quarto. Pelo visto, tudo estava normal. Todos os meus DVDS estavam lá, exceto os de *Uncontrollable love*, as fotos da família haviam sumido e todos os rastros dos meus pais também.

– Mãe? – Desci as escadas rapidamente.

– Tá louca, Ally? – Uma voz que não me era estranha falou.

– Hillary? – assustei-me ao ver aquela garota na minha frente. Hillary nunca falou comigo na vida, e ela estava ao meu lado. – O que você tá fazendo aqui? – perguntei.

– Alô! Eu moro aqui, esqueceu? – Ela sorriu e sentou-se no sofá.

Hillary estava estranha, algo nela havia mudado. Ela parecia menos burra, talvez tenha sido pelo fato de ela estar lendo “O Apanhador No Campo De Centeio”, que era o livro favorito da Nicolly, a companheira de quarto de Lucy.

– Ah, agora entendi. – Lembrei-me que estava dentro da série. – Poxa, precisava ser logo você?

– Do que está falando? – perguntou ela.

– Nada, nada. Esquece! – fui em direção ao meu quarto.

Enquanto eu subia as escadas, percebi que todos os quadros que estavam presos na parede haviam sumido, nada estava mais lá. Foi então que me dei conta de que a Lucy fora criada em um orfanato e não tinha os pais. *Então, nesse mundo eu não tenho pais?* Pensei.

Comecei a gargalhar de felicidade. Não conseguia acreditar que não precisaria seguir as regras do meu pai e ouvir os discursos exagerados da minha mãe, eu estava livre. Só não estava muito confortável com o fato da Hillary ser a minha amiga aqui, eu estava esperando que a Mad fosse a minha amiga. Queria saber logo quem ela era aqui.

O dia amanheceu num passe de mágica. Diferente das outras noites, não consegui assistir minhas séries, mesmo que eu quisesse, algo me fazia ir direto para cama, uma força maior, entende? Acordei-me com o som alto que me fez pular da cama e achar que estava acontecendo algum assalto na casa, mas era só a Kate Hill.

Olhei pela janela e percebi que ela estava dando uma festa, ela era a minha vizinha. Lembrei-me, então, que a vizinha da Lucy era a Carly, a garota que fazia da vida da Lucy um inferno. Ela era a ex-namorada do Benson, e queria de qualquer forma reconquistá-lo, e para reconquistá-lo, ela precisava que a Lucy sumisse. *Então, ela é a Carly dessa história,* pensei.

As pessoas corriam seminuas pelo gramado vizinho. Alguns dançavam dentro da piscina enquanto tentavam segurar seus copos com bebida. Logo percebi que se tratava do episódio dois, onde a Lucy vai até a casa e conhece a Carly. Eu gostaria de ficar no meu quarto o dia todo, não estava com muito ânimo para sair. Fui em direção ao calendário e percebi que era um sábado, logo entendi que o tempo nos seriados é cronológico, mas os dias nem sempre correm corretamente.

Senti uma vontade imensa de descer as escadas, e não consegui segurar meus pés que foram mais rápidos que meu cérebro. Vi que Hillary assistia um programa qualquer que passava na TV, enquanto seu cereal e seu suco de laranja estavam numa mesinha próxima ao sofá. Ao ver a mesinha, lembrei da minha mãe,

e sem perceber coloquei um sorriso bobo no rosto, imaginei onde eles estariam e se eles existiam nesse mundo.

– Muito louco, *né?* – Virei assustada e dei de cara com Angeles que estava do meu lado. – Você já se imaginou dividindo o quarto com uma das garotas mais maldosas e burras da escola?

– Eu realmente estava esperando que fosse outra pessoa – falei.

– Ainda acha que está sonhando?

– Na realidade eu acho que colocaram droga no meu refrigerante e eu ainda *tô* meio chapada – disse, ignorando o riso baixo de Angeles.

– Vamos, você precisa tomar seu café. – Ela me levou até a mesa.

– A Hillary pode te ver? – perguntei enquanto ela me colocava em uma cadeira qualquer da mesa. – Você anda por aí e ninguém acha estranho nem nada?

– Só você pode me ver, Ally – disse ela enquanto colocava meu cereal e meu leite numa mesma tigela. – As pessoas aqui nem sabem que existem, elas apenas estão aqui. Além do mais, a Hillary não tem cenas agora, então ela está descansando.

Vire-me em direção a ela e percebi que seu corpo estava fixo na mesma posição, seu corpo não se mexia e ela simplesmente era como uma estátua.

– Então, quer dizer que quando eu não tiver cenas eu simplesmente viro uma estátua? – perguntei com os olhos extremamente arregalados.

– Sim! Você vai ficar parada, como ela – falou, rindo. – Mas isso acontece pouco, já que você é a protagonista. – Ela me passou a tigela com cereal colorido que nadava no leite. – Pode comer.

Peguei a colher e afoguei no cereal, mas por algum motivo não conseguia levar a colher até a boca. Segurei a colher com as duas mãos e levei a minha cabeça em direção a tigela, mas parecia que havia um peso que fazia com que a colher não conseguisse se mover, era como um imã.

– Por que eu não consigo comer? – perguntei.

– As pessoas aqui não comem, e raramente bebem alguma coisa de verdade – explicou ela. – Você sabe como funciona um set de filmagens, não é? As pessoas fingem que estão comendo ou bebendo algo. Vocês não precisam comer, e quando comem é geralmente uma mordidinha pequena e correm para fazer alguma coisa mais importante.

– Ah... Então é por isso. – Desisti de mexer na colher.

– Eu achei que você era mais fã de seriados, você não sabe quase nada do que se passa por aqui.

– É que... – Rapidamente, meu corpo se levantou da cadeira e foi em direção à porta. Eu não conseguia controlar meus pés, eles tinham vida própria. Sem querer, abri a porta às pressas e fui em direção à casa de Kate, que continuava dando sua festa na piscina. Eu não queria falar com ela, eu a odiava mais do que odiava a Hillary, ela conseguia ser uma vaca em dose dupla. Nunca me tratou bem, e ela me conhecia, pois meu tio era casado com a prima dela e nós sempre nos encontrávamos nas festas de família, lá ela sempre falava bem comigo, até o dia que tirou o aparelho, colocou lentes de contato e emagreceu. Depois disso ela parou de falar comigo e se tornou uma patricinha da pior espécie.

Tentei controlar minhas mãos e minha boca, então, lembrei-me que a Angeles disse que eu não podia interferir na ordem dos acontecimentos do mundo, do contrário eu ficaria presa aqui para sempre. Então, resolvi seguir as regras e deixar fluir.

– Com licença? – falei com a voz doce e terna.

Kate apareceu na minha frente rapidamente. Seus cabelos eram castanhos e batiam nos ombros, eram um pouco ondulados com algumas pontas douradas, seus olhos eram cor-de-mel, sua pele morena e brilhante encandeava minha visão. Sentia inveja de ver o corpo dela que era exageradamente perfeito e televisivo, enquanto o meu era de uma criança do ensino fundamental.

– O que você quer? – perguntou ela com o seu olhar de sempre.

Respirei fundo antes de deixar as palavras programadas serem vomitadas.

– Eu sou sua nova vizinha, e gostaria de saber se pode abaixar um pouco o volume da música. – Um sorriso tomou conta do meu rosto. Mas, embora eu estivesse sorrindo por fora, eu estava querendo fuzilá-la por dentro e arrancar cada fio de cabelo da sua cabeça.

– Abaixar o volume? – Ela se fez de desentendida.

– Por favor – disse, corroendo-me por dentro.

– Aí, galera, vamos aumentar esse som aí! – gritou ela. – Vou só explicar uma coisa para você, seja lá qual for seu nome. – Kate veio em minha direção e falou pausadamente. – Você não sabe com quem está falando, garota. Eu vi você ontem falando com o Drake, mas não sabia que você era a minha nova vizinha, e não sabia que a minha vizinha era uma... – Ela sorriu maliciosamente. – Seja lá o que você for. Mas eu só digo uma coisa, fique longe do Drake, porque ele é meu.

Senti um aperto grande no coração e uma vontade de chorar enorme, percebi que a cada momento estava virando mais a Lucy e que o meu interior estava sendo tomado pelo seu jeito e suas formas de ser, pensar e agir.

As horas se passaram e eu caminhava pela rua sozinha, algo doía em meio coração. Lembrei então da cena do segundo episódio quando a Lucy sofre ao lembrar que não tem pais.

Sentei-me em um banco em meio às árvores rosadas do parque que ficava no centro da cidade, vi as pessoas com seus pais e amigos, as meninas brincavam no gramado com suas mães e os garotos corriam com seus pais. Percebi, então, que o sentimento de dor aumentava a cada segundo que se passava, eu estava sentindo o que a Lucy sentia ou só estava com saudade dos meus pais? Os pais da Ally, da verdadeira.

Olhei ao redor e percebi o quão belo aquele parque era, as árvores altas e cheias nos protegiam do brilho forte e quente do sol. O canto dos pássaros inundava meus ouvidos e me levava além, imaginando coisas que eu nunca havia parado para pensar, até que

senti meu rosto se contorcendo, eu havia sido atingida por uma bola.

– Foi mal. – Eu reconhecia aquela voz forte e firme. Era Drake que vinha em minha direção. – Eu sinto muito... Espera, você é aquela garota da escola, não é mesmo?

– Ah... Sim – disse, sentindo que meu rosto estava corado.

– Seu nome é... – ele semicerrou os olhos em minha direção, como se estivesse concentrado a lembrar do meu nome.

– Ally – falei, balançando a cabeça.

– Isso! – Ele não tirava o sorriso do rosto, e isso estava fazendo com que eu ficasse brava. – Ally, a gente acabou não se encontrando naquele dia, lembra?

– Sim. – Saiu no automático. – Eu tive que resolver algumas coisas e acabei sem ter tempo de te encontrar.

– A gente pode sair, qualquer dia desses?

– Pode ser – falei. Logo senti minha consciência doer ao lembra-me de Kate falando com raiva para mim, e não consegui controlar as falas que pulavam da minha boca. – Talvez seja melhor não, Drake. Sua namorada não vai gostar muito de nos ver juntos.

– Quem? A Kate? – assenti. – Ela não é mais minha namorada. Faz um tempo que terminamos.

– Mas mesmo assim – falei, mesmo que em minha cabeça eu estivesse: *você é louca, garota? Aceita logo sair com ele.* – Eu acabei de chegar à cidade e não acho uma boa criar intrigas com ninguém.

Ouvi, então, o barulho dos trovões. Olhei para o céu e percebi que as nuvens negras haviam tomado de conta do belo dia de sol, e as primeiras gotas de chuva começavam a cair.

Rapidamente, Drake retirou um guarda-chuva – não me pergunte de onde aquilo saiu, que eu também não sei – e o abriu rapidamente.

– Igual ao seriado. – Sorri para ele enquanto ele me cobria.

– Hã? – perguntou ele, sem entender nada.

– Nada... Nada não. – Não conseguia segurar o sorriso no rosto, meu coração batia acelerado por ele e não conseguia esconder os sentimentos que estavam estampados no meu rosto. Eu

não sabia se era a Lucy ou a Ally que estava ali naquele momento, mas eu gostaria que ele durasse por muito tempo.

Logo, ouvi uma canção que era tocada por todos os lados, e Drake virou uma estátua, imaginei que logo ficaria assim também, mas nada aconteceu.

– Ah, esse amor jovem! – Angeles sentou-se no banco.

– Angeles! O que está acontecendo? – perguntei. – E o que são esses nomes voando aqui no ar?

Assustei-me ao ver os nomes de pessoas que eu não conhecia flutuando pelo ar, logo, os nomes aumentaram e iam em direção ao céu.

– Esses são os créditos. O episódio acabou, meu bem – disse ela. – Ah, quase ia esquecendo de te contar. Você não pode falar para nenhum dos personagens que eles estão em um seriado, do contrário, todos vão sumir.

– Entendi – assenti.

Eu não sabia o que era mais doido: se era estar dentro de um seriado ou os créditos que subiam em direção ao céu. Nada disso era normal, mas é como dizem: normal é chato.

2º Temporada

Os dias foram passando conforme os episódios, tudo estava como na série. Eu esperava ficar mais animada com o fato de estar participando de tudo aquilo que eu amava tanto, mas foi estranhamente chato cada minuto. Talvez fosse porque eu já sabia tudo o que iria acontecer, e eu simplesmente não conseguia esboçar nenhuma emoção que não fosse da Lucy. Mas eu estava animada, estávamos chegando ao episódio seis da segunda temporada, quando o Benson beija a Lucy pela primeira vez. Sim, eu também acho que demoraram demais com esse beijo, e ele quase não sai. Não entendia muito bem o que estava acontecendo comigo, pensava se tudo aquilo era um sonho e eu estava em um coma que não conseguia acordar de jeito nenhum, ou se era tudo real. Sempre fui um pouco cética em relação a essas coisas, já tinha lido relatos de pessoas que diziam que quando estavam em coma, visitaram o céu ou o inferno, mas para mim não fazia tanto sentido pensar nisso.

Lembra que eu falei que não havia visto da Mad ainda? Então, eu a vi só no começo da segunda temporada, e como a vi. A Mad estava interpretando a Cindy, a garota mais nerd do colégio, dá para acreditar? Estudar não fazia o papel da Mad, e muito menos ser a mais estudiosa do colégio. Geralmente, eu dava aula de reforço para ela, porque nada entra naquela cabeça, e vê-la como uma garota assim, sem maquiagem, com trancinhas, óculos e saias longas era totalmente bizarro.

Kate já havia feito algumas coisas horríveis comigo, como no episódio quatro, quando ela derramou chá gelado no meu cabelo, ou como no primeiro episódio da segunda temporada, quando ela fez questão de rasgar meus cadernos no meio da sala. E o que me dava mais raiva era não conseguir xingá-la até morrer, algo me prendia e eu simplesmente não conseguia falar nada para ela. O máximo que acontecia era chorar escondida no banheiro com aquelas trilhas sonoras tristes, e eu sinceramente não estava mais aguentando isso. A minha vontade era de bater naquela cara bronzeada e desejar que seu rosto se estourasse de espinhas, mas isso não iria acontecer

nem que eu quisesse. Cheguei à conclusão que a Lucy consegue ser extremamente menininha.

– Pode repetir? – perguntei.

– Presta atenção, Ally! – falou Angeles, mas eu só conseguia ver seus cabelos extremamente coloridos e brilhantes. – No episódio de amanhã, o Drake vai te beijar, e você precisa fazer tudo certinho. Você lembra das falas corretas, não é?

– Sim, sim – falei. – Pode deixar.

– Ótimo! – Ela sentou-se próxima a mim na cama. – O que está acontecendo? Você não está tão feliz quanto aparentava estar no começo de tudo isso.

– Eu sei... É que... – Não conseguia falar.

– Não está feliz em ser o centro das atenções do colégio? Todo mundo lá te ama.

“O centro das atenções”. Eu sempre quis ser conhecida e destacada no colégio, sempre quis que as garotas falassem de mim quando eu passasse por elas no corredor, e que os garotos olhassem para mim, sempre quis ser parabenizada pelas minhas conquistas na escola, sempre quis ter vários amigos e não precisar ouvir o professor perguntar se Allyson Thomas estuda naquela sala, pois nunca a viu lá. Mas parando para pensar bem, talvez ser invisível tenha seu lado bom, talvez viver a sombra da estabilidade não seja tão ruim, talvez ser quem você é sem esperar rótulos seja a sua melhor escolha. Talvez nós sejamos os protagonistas das nossas próprias histórias... Precisamos deixar o tempo nos dar o nosso final feliz.

– Eu não sei o que está acontecendo, só queria dormir agora.

– Claro, vou te deixar sozinha – Angeles foi em direção à porta e sumiu.

Ouvi a música de abertura do episódio e logo saí da cama, fui em direção à escola e lá encontrei Drake, que não parou de falar o dia todo. Eu sempre gostei do Drake, e não o imaginava tão

pegajoso. Não achava o Benson tão chiclete na série como esse Benson é, talvez tenha sido por isso que a série foi cancelada.

No fim do dia, ele me levou até a sua garagem, e eu tentei fazer uma cara de impressionada ao ver a decoração que ele tinha preparado. Para falar a verdade, aquela decoração era meio vagabunda, comparada a da série, mas não fiz tanta questão. O importante era o beijo, ele precisava ser perfeito. Angeles me disse que se o beijo fosse perfeito, queria dizer que estava tudo em harmonia e logo eu poderia voltar para casa, e isso me deixava feliz de alguma forma.

– Eu preparei o jantar... – disse ele.

– Podemos pular o jantar? – falei, ansiosa.

– Hã... Tudo bem.

Drake virou-se para mim e se aproximou do meu rosto, ele me olhava de uma forma estranha. Sua cabeça se aproximou da minha e seus lábios tocaram os meus. O beijo durou alguns segundos e logo nos separamos, e foi simplesmente... Sem graça.

Ele me soltou e limpou a boca, Drake olhou para mim confuso.

– Desculpa, eu não sei por que eu te beijei – disse ele, semicerrando os olhos.

– Tudo bem. – Comecei a pirar, algo estava realmente errado. Na série, a Lucy e o Benson se beijavam por pelo menos uns trinta segundos e era simplesmente perfeito. Revi essa cena umas vinte vezes.

Algo de errado estava acontecendo e eu precisava descobrir o que era.

– Você não falou nada para ele, não foi? – perguntou Angeles, andando de um lado para o outro.

– Não, não falei nada. – Levantei-me, assustada. – Eu achava que eu teria que ao menos gostar do beijo, e eu simplesmente não senti nada. Eu aposto com você que ele também não sentiu nada.

– Isso está errado. – Angeles parecia preocupada.

- O que você quer dizer com isso? – perguntei.
- Provavelmente, você não poderá voltar para casa nunca mais – ela disse, pausadamente.
- O quê? – gritei. – Não fala uma coisa dessas nem de brincadeira.
- Você já está aqui há vinte e um episódios, já sobreviveu à primeira temporada, não entendo o porquê de não conseguir sentir nada pelo Drake.
- O que acontece se eu não conseguir sair daqui?
- Se você não sair daqui até o penúltimo episódio... Você vai sumir, junto de todos aqui.
- E o que eu preciso fazer para sair daqui?
- Bem, só tem uma solução. – Ouvi atentamente. – Se você não é o par ideal do Drake, quer dizer que você não é a protagonista. Então, precisamos achar essa menina.
- Então, tem outra protagonista?
- Provavelmente – disse ela. – Nós precisamos encontrá-la o mais rápido possível, pois tudo vai ficar maluco por aqui enquanto não a acharmos.
- Como assim *ficar maluco*?
- Quer dizer que os episódios ficarão desordenados e... Eu não sei o que pode acontecer.
- Entendi – falei. – Eu já vou, tenho mais uma cena hoje com a Hillary antes de o episódio acabar. Amanhã a gente vê como isso vai ficar, O.K.?

Ela assentiu.

Como a Angeles havia previsto, tudo ficou maluco. Os episódios começaram a não fazer sentido nenhum e muitas coisas estavam fora do lugar. A Kate já não infernizava a minha vida, as músicas tinham praticamente acabado e nada mais fazia sentido. Do episódio sete, pulou para o catorze e daí tudo começou a ficar bem mais estranho.

O céu tinha uma coloração alaranjada, eu estava sentada no banco do parque. Por algum motivo aquele lugar me acalmava, eu amava ver os pássaros voando, as crianças brincando os sons do vento batendo no meu rosto, o cheiro da pipoca sendo vendida, o

barulho dos carros e o movimento das folhas que dançavam lindamente.

Então, meu coração bateu mais rápido. Lembrei que o penúltimo episódio era o quinze, então, eu não tinha muito tempo. Ah, esqueci de falar que eu e a Angeles procuramos a tal protagonista misteriosa, mas nada de achá-la em lugar nenhum. Por que era tão difícil achar a principal dessa história, hein?

– E então? – perguntei. – Achou a garota?

– Nada. – Angeles suspirou. – Eu não sei mais o que fazer, Ally. Infelizmente, não sei o que fazer para te salvar.

– Bem, ainda tenho um episódio para achá-la, não é?

– Sim, você tem até a meia-noite do próximo episódio para se salvar, depois disso... – Angeles parou de falar, seu corpo simplesmente sumiu em meio ao ar.

– Angeles? – Levantei-me às pressas. – Angeles, o que aconteceu?

De repente, os céus claros e vivos se escureceram, tudo estava estranho. Algo de muito ruim estava para acontecer.

Fui em direção à escola e percebi que logo mais aconteceria a apresentação do penúltimo episódio, lembra? A cena em que a Lucy é presa pela sua rival. Eu nem me dei ao trabalho de entrar lá, fui em direção a minha casa, que era a última coisa que restava da minha antiga vida.

Ao chegar perto da casa, vi duas pessoas conhecidas vendendo. Eu não podia acreditar, eu queria acreditar, eu precisava acreditar. Eram meus pais.

Corri e direção a eles de uma forma desesperada. Eu tinha certeza que eram meus pais, aqueles rostos não podiam ser de outras pessoas. Ambos olhavam a casa fixamente.

– Mãe! Pai! – gritei.

Eles olharam em minha direção.

– Que bom que chegaram! – Abracei-os rapidamente.

– Sim, chegamos – falou minha mãe. – Que recepção... Diferente. Eu achava que a dona da casa era mais velha.

– O que quer dizer com isso? – perguntei, estranhando seu comportamento.

– A dona da casa é minha avó, Sra. Thomas – disse Hillary, saindo de dentro da casa. – Vocês vieram ver a casa, não é? Podem entrar.

Puxei a manga do casaco de Hillary.

– Por que eles vieram ver a casa?

– Esqueceu que nós vamos nos mudar? Preciso alugar essa casa o mais rápido possível.

Coloquei um sorriso triste no rosto. Lá estavam meus pais, lá estavam as pessoas mais importantes da minha vida. E eles não me reconheciam, não sabiam quem eu era. Não sabiam que eu era sua filha, não se lembravam de mim.

Por que eu fiz esse pedido estúpido? Pensei, martelando na minha cabeça. Eu começava a entender o valor das pequenas coisas que passaram e como eu fui estúpida por não perceber que a minha vida real era mais preciosa do que eu imaginava. Eu nunca agradeci todas as panquecas da mamãe, todas as suas advertências. Nunca disse o quanto amava meu pai, nunca dei créditos a Mad, sempre me culpei por ser a rejeitada, sempre me fiz de vítima por algo que não estava em minhas mãos. Por que o ser humano quer tanto ter mais do que pode aguentar?

Entrei na casa junto deles e percebi que uma garotinha adentrou a casa junto comigo. Ela chamava pelos seus pais, e ao verem a menina, eles foram em direção a ela e a abraçaram com força.

– É a filha de vocês? – perguntou Hillary.

– Sim! Essa é a Allyson – disse a mamãe.

– Olha, Ally. Ela tem o mesmo nome que o seu – disse Hillary.

A menina tinha o mesmo rosto que eu quando pequena, o brilho em seu olhar penetrou o meu.

– Com licença, eu preciso... – Não terminei a frase, corri o mais rápido que pude.

O colégio estava vazio, provavelmente todos haviam sumido como a Angeles. Corri em direção à sala do faxineiro e sentei-me no

chão junto aos utensílios de limpeza. Deixei as lágrimas rolarem. Pela primeira vez, não era a Lucy que chorava, e sim a Ally. Comecei a lembrar de tudo, comecei a pensar em tudo.

– Eu me arrependo por tudo – falei para mim mesma. – Eu me arrependo por não ter dado o valor que meus pais mereciam, eu me arrependo por ter achado que a amizade da Mad era pouco para mim. Eu me arrependo por odiar a minha vida, eu só quero voltar para casa, só quero abraçar meus pais, só quero deitar na minha cama e continuar sendo invisível, só quero a minha vida de volta – falei, chorando. – Só quero a minha vida de volta.

Ouvi o som dos sinos da igreja tocando, era meia-noite.

Nada aconteceu.

Eu continuava aqui.

Então, é isso. Pensei.

Limpei o rosto e fui em direção à porta, pois a sala estava extremamente escura. Ao abri-la, precisei fechar os olhos, pois o brilho que entrou na sala encandeou minha visão. Passei pela porta e fui em direção ao pátio. Já era de dia.

Caminhei pela escola e dei uma boa olhada em todo o lugar. Meus olhos pararam na minha sala. Eu estava lá, com a cara enterrada na carteira.

– Essa é você.

– Angeles? – Dei um pulo de susto. – Você... Eu achei que você...

– Você achou o caminho de volta, Ally – disse ela com um sorriso. – Você percebeu que, por mais difícil que a nossa vida possa parecer, ela é a nossa vida. Nós podemos fazer de tudo para ela melhorar, mas nunca podemos desistir dela. Você é uma garota especial que não precisa da aprovação dos outros para ser quem você realmente é e mostrar o quanto pode brilhar, querida. Seja você!

Não consegui dizer nada, minha audição começava a sumir, junto com a minha visão.

– Ally? – ouvi uma voz de fundo me chamando. – Ally?
Acorda!

Senti meu corpo sendo chacoalhado enquanto eu levantava a cabeça e a visão.

– Hã? O quê? – Levantei-me bocejando.

Mad estava ali, do seu jeito de sempre, sem óculos, sem livros, sem aparelho, era a minha Mad.

– Eu queria me desculpar... Eu peguei pesado contigo – disse ela. – Eu não quero perder sua amizade.

Arregalei os olhos.

– Mad... É você mesmo? – gritei e fui em direção a ela. – Me desculpa! Desculpa por tudo o que eu já te falei e que te magoou. – Abracei-a fortemente.

– Tudo bem – ela disse. – Nós somos amigas, não é mesmo?

– Sim, sim, sim! – disse. – Somos amigas para sempre!

Eu não consegui entender muito bem o que havia acontecido. Fora tudo fruto da minha imaginação? Nada daquilo foi real? Bem, não importava, nada mais importava.

Fui para casa o mais rápido possível. Mal vi os móveis da casa – saí atropelando tudo mesmo. Corri em direção aos meus pais e os abracei o mais forte que consegui.

– Filha? Tá tudo bem? – perguntou meu pai.

– Vocês são meus pais mesmo, não é? Lembram de mim? – perguntei, ainda incrédula de estar no mundo real.

– Desde que você nasceu, filha – falou meu pai, ironizando a situação.

– Stuart! – mãe o repreendeu. – Mas, Ally, não estamos entendendo o seu carinho repentino.

– Não precisam entender nada. – Abracei-os mais forte ainda. – Eu sei que às vezes posso ser chata, mas eu quero que saibam que eu amo muito vocês.

– Nós sabemos disso, querida – disse mãe. – E a sua redação? Conseguiu terminar?

A redação! Acabei a esquecendo com toda a confusão, mas por algum motivo eu sabia o que escrever.

– Estou quase terminando – disse.

Episódio Final

Os dias se passaram, e com eles a tristeza pelo cancelamento da minha série favorita. Para falar a verdade, eu diminuí consideravelmente as séries que assisto atualmente. Claro, não as abandonei, mas consigo conciliar o tempo com a minha família e os poucos amigos que tenho. Sim, você leu certo, agora tenho alguns amigos, eles eram como eu, invisíveis... Bem, talvez eu deva mudar esse conceito, eu nunca fui invisível para os outros, eu simplesmente me tornei invisível para mim mesma. Mas é melhor falar como foi à apresentação da minha redação, certo? Acredito que você está esperando isso.

A semana passou rápido, e logo chegou o dia em que leríamos as nossas redações. Inesperadamente, o Sr, Lewis escolheu a minha redação para ser lida primeiro, e pela primeira vez todos olharam para mim. Não que eu me importasse mais em ser notada, mas eu pude constatar que eu só era mais uma na multidão, eu não era um pingão no meio do oceano, eu tinha o meu valor.

– Pode começar, Srta. Thomas – disse, encostando-se no birô e cruzando os braços.

Segurei firmemente na folha em que havia escrito a minha redação e comecei a ler sem me importar se iria gaguejar ou se minha apresentação seria o próximo *meme* da internet.

– Eu havia escrito várias coisas até conseguir escrever o que está aqui. – Limpei a garganta. – “Nunca fui uma pessoa que sonhou alto, na realidade, nem sabia que tinha sonhos, eles foram apenas aparecendo conforme o tempo foi passando. Diferente das outras pessoas, eu não sonho com poder, controle mundial, riquezas infinitas ou bens materiais que são simplesmente descartáveis. Eu sonho com um mundo onde as pessoas não precisam se esconder atrás de máscaras e rótulos da sociedade. Seja quem você realmente é, não ponha um sorriso no rosto quando você está triste só para agradar outra pessoa, viva da sua forma, acredite no que você quiser acreditar. Sonhe com o impossível, abrace-o. Você pode

me perguntar quais são os meus sonhos... Bem, eu ainda estou descobrindo-os pouco a pouco.” – Fechei o caderno. – Obrigada.

Todos aplaudiram, podia ver o sorriso no rosto de Mad, as pessoas realmente tinham entendido, elas compreendiam o que eu queria dizer. Todos, alguma vez, já se sentiram invisíveis. Todo mundo já foi o amigo invisível alguma vez, todos já foram deixados de lado, todos já sofreram, todos somos rotulados todos os dias. Seja por nosso cabelo, nossa condição física, nossos vícios, nossos dons, nossa aparência. Deixe os rótulos de lados, ou melhor, se rotule da forma que quiser!

– Mandou bem na apresentação, *nerd!* – Mad passou o braço pelo meu pescoço.

– Eu sei, *Barbie* – falei.

– E como vão as séries? – perguntou ela.

– Nossa, você nunca teve interesse para saber como elas eram – disse, impressionada. – Estão bem, agora eu descobri as séries coreanas, que são bem mais dramáticas e chorosas, não sei qual é a minha favorita.

– Só você mesmo, Ally. – Mad gargalhou.

No fim das contas, eu percebi que não preciso forçar nada, as pessoas devem gostar de mim do jeito que eu sou. E se você quer saber, sim, eu ainda tenho chocolate guardado para comer nos últimos episódios das séries, e sim, eu ainda choro muito, mas estou aprendendo que a vida pode ser muito melhor assistida daqui de fora. Eu não preciso mais de rótulos, e nem preciso mais rotular ninguém, sinto que finalmente encontrei o meu lugar no mundo, percebi, então, que eu sou a protagonista da minha própria história.

Sobre o Autor

Italo Oliveira nasceu no interior da Paraíba. Desde pequeno amou ler e escrever e sempre fantasiou as histórias que ouvia. Fascinado por livros, séries e doramas coreanos, o jovem já tem um livro publicado, intitulado "Quando a neve cai", e já trabalha nos seus próximos livros.

Entre em contato

E-mail: assessoriaitalo@outlook.com
www.facebook.com/italo.nata Twitter: @hyungks7
Instagram: @io.wd

Facebook:

Table of Contents

[Playlist](#)

[Piloto](#)

[1 ° Temporada](#)

[2 ° Temporada](#)

[Episódio Final](#)